

31

51

EXTRACTO

DA

CHRONICA

De Gibraltar de 5, e 16 d'Outubro.

Paris 18 de Setembro.—Extracto de huma Carta particular de Roma datada de 6 do Corrente.

No mez de Fevereiro pouco antes da elevação de Pío VIII. ao Pontificado, o Cavalheiro *da Silva*, encarregado dos negocios de D. Miguel, chegou a Roma sendo portador de Cartas de recomendação da Austria, e encarregado de obter do Papa o reconhecimento Canonico de D. Miguel como Legitimo Soberano de Portugal. O Cardial *Albani* era favoravel a este projecto, e levou o negocio ao conhecimento de Pío VIII. SUA SANTIDADE regeitou a proposta do Seu Secretario d'Estado, por quanto, na conformidade do Concilio de Trento, devia primeiro ser consultada a Santa Camara.

No entretanto o Papa consentio na reuniao d'huma Commissão composta de 8 Cardiaes, e oito membros de Consulta, para examinar a Legitimidade dos Documentos produzidos, para se obter o reconhecimento do SANTO PADRE. Quinze rennoiens secretas d'esta Commissão foram dedicadas a este negocio: porem os Cardeaes, e os membros da Consulta definitivamente decidiram com unanimidade de pareceres que SUA SANTIDADE *nao podia condescender n'este ponto com as sollicitações de D. Miguel*. D'este modo Mr. *da Silva*, nao obstante estar apoiado com a proteccao de Ministros Estrangeiros, e do Cardeal Secretario d'Estado, falhou em conseguir o objecto da sua missao, e partio hontem para Lisboa, onde certamente elle nao sera bem recebido por D. Miguel, nem pelos Frades..

Extracto da Chronica de Gibraltar de 5 d'Outubro.

Paris 29 de Setembro.—O que se segue he extrahido de Cartas particulares de Roma de 18 do Corrente.

Ha algum tempo que se disse ter o Agente de D. Miguel sahido d'esta Capital sem ter podido conseguir o objecto da sua missão. Parece que o Embaixador do Brasil contribuiu em grande parte para impedir o bom exito dos designios do Usurpador, e de seus satélites. S. Exa. fez huma memoria, a qual foi sancionada, e assignada por todos os Doutores de Leys Canônicas tanto Seculares, como Ecclesiasticos, frades &c. &c. e este importante documento foi transmitido á Commissão nomeada pelo PAPA para examinar a legitimidade dos direitos de D. Miguel á Cróa de Portugal. O resultado foi expressar a Commissão a sua opiniaõ dizendo que Pio VIII. não só pelo presente não podia reconhecer canõnicamente D. Miguel Rei de Portugal, mas que mesmo no caso de elle ser reconhecido Rei pelas Potencias da Europa o SANTO PADRE o não podia fazer, excepto se D. PEDRO como Tutor de Sua Filha a Rainha D. MARIA II., abdicasse o Throno em Seu Marido. Por tanto em lugar de obter o reconhecimento da Santa Sé, para d'elle fazer uso no Governo temporal, o Usurpador tem agora a certeza de que Roma nada póde fazer em beneficio d'elle, e de que elle deve reinar como Usurpador, ou receber o Throno da Generosidade do Imperador do Brasil.

Os adherentes de D. Miguel estão furiosos com este resultado, e não hesitarão em calumniar os Doutores, os Commissionados, bem como o proprio PAPA de hereticos, e Pedreiros Livres.

Extracto da Chronica de Gibraltar de 16 de Outubro de 1829.

Impressão do Governo em Angra, Anno de 1829.

Extracto da Chronica de Gibraltar de 5 d'Outubro.

EXTRACTO

DAS

FOLHAS INGLEZAS.

O TRIUNFO DA LEALDADE.

Transcripto do Jornal de Plymouth—no Star de 4 de Setembro.

Todo o homem de bem, todo aquelle que possui os verdadeiros inalterados principios de hum Breton, e todo o verdadeiro amigo da Monarchia Legitima, deve alegrar-se com nosco pela assignalada derrota experimentada, pelas forças d'aquelle detestavel, d'aquelle vampiro perjuro, que se nutre do milhor sangue de Portugal, na sua empresa contra a Ilha Terceira, ultima esperança e sanctuario sagrado da Lealdade e da virtude Portugueza.

De 2500 homens que emprehenderão o desembarque n'aquellas praias Sagradas, 1300 perecerão nas ondas, 700 foram mortos, feridos, ou apresionados depois de desembarcados, e 500 inspirados pela athmosphera da Liberdade que circunda aquella terra de virtude, nobremente renunciárao a causa da perfidia, da credulidade e da usurpação, para servirem debaixo das Bandeiras

da Verdade, da Justiça, e da Fidelidade. 1200 armamentos completos d'Infanteria, duas barcas canhoeriras com duas peças de 24, ficárao em poder dos vencedores, e lhes serviraõ de reforço contra alguma futura tentativa do Tirano Fraticida, cujo sanguinario Reinado até os seus zelozos partidistas tem principiado a temer.

D'este modo foi nobremente vingado, o sangue dos desgraçados Emigrados que huma insolente perversidade fez derramar nas Costas da Terceira, para satisfazer os desejos de hum Monstro, com a insignificante perda tao somente de 11 homens mortos das forças da Legitima Soberana de Portugal a Rainha D. MARIA II.

Tem apenas decorrido hum mez depois que com a maior confidencia nos foi insinuado, que a desafeição á Causa da Rainha Legitima era geral na Ilha Terceira, e que a expedição do Traidor só tinha a apresentar-se, para ser recebida com braços abertos; que a situação da Ilha impedia a possibilidade de fazer-se huma resistencia, e que o primeiro tiro disparado pela Esquadra produziria a sua instantanea entrega.

Induzirão-nos a considerar o Heróe do dia 11 de Agosto, o generoso, o leal, o patriota Villa-Flór, como hum poltrao, e cobarde cujos crimes o obrigarao a fugir de Portugal, o qual com a tomada da Terceira, que era tida por infalivel, receberia a sua recompensa com huma morte ignominiosa. Agora porém em contradicção a todas estas confidencias profeticas, e contra todas as esperanças filhas da paixao, nós vemos todos aquelles habitantes desafectos reunidos á voz de seu Chefe, e em lugar de preferirem a clemencia offerecida por D. Miguel, resistirem com bom exito ás suas Tropas que derrotado com a mais assignalada vantagem, e expulsando d'aquellas praias a sua invencivel armada com perda e vergonha. Pois foi este o effeito, (dirá o polido Joao Bull) da desafeicção á Causa da Rainha D. MARIA II., da impossibilidade de defender-se a Ilha Terceira, e da falta de valór e boa conducta do Conde de Villa-Flór?

Se como huma nova Saragoça a Ilha Terceira vier effectivamente a ser oprimida pelo poder do Traidor perjuro, do Déspota insensivel, ajudado talvez, como já foi, por aquelles que primeiro fizerao derramar n'aquellas Costas o Leal Sangue Portuguez, ou se menos afortunado que o Illustre Palafox, o Heróe de 11 de Agosto, o Patriota da Terceira, fór condemnado a cahir debaixo do cutello do executor, nam ha revez da fortuna, nam ha degra-

dação ou sofrimento que possa destruir a memoria, nem murchar a gloria d'aquelle dia.

Porém em lugar de nutrir tam duvidosas anticipaçoes, em lugar de seguir o trillo dos advogados da Traicção, e da revolta, congratulemo-nos antes com a esperanza de que o exemplo da Terceira fará reviver em Portugal sentimentos de Lealdade, que produzao huma tempestade, que dirribe o Traidor do Throno que elle tem contaminado, e o confunda na infamia que tem grangeado:

Correspondencia particular.

Lisboa 13 de Setembro.

O primeiro Navio da Esquadra da Terceira que entrou neste porto foi a *Amazona* no Domingo passado, e desde entao os de mais Navios tem entrado successivamente, com excepçam da Nau, Fragata Perola, huma Curveta, e hum Brigue: nao obstante isto, a nossa *Gazeta* em toda esta Semana, nao se dignou dar o mais leve toque sobre o desastre que tiverao e só hoje he que publicou a relação (que com esta Carta lhe transmittio:) o Governo se authorisa para castigar qualquer pessoa, que diga ter sido a perda maior do que aquella que a *Gazeta* menciona.

Porem que derrota, e que desorganisaçam foi esta!... ella produzio tanto na Corte, como nos

Menistros hum espanto, e confundam em grau tam eminente de que nam poderà fazer idea. Tentaram logo no principio empidir que os Soldados fallassem, porem isto foi impossivel, e quando desembarcàra n, emquanto formavaõ por Companhias, e estãvam com as armas descancadas, lhes perguntava a multidam do povo que os cercava—*se queriaõ tornar a embarcar? centenares d'elles responderam gritando tornar lá, não, não, que vá elle, e a G...P...que o pariu, e a aquelles que nos mandaraõ a semelhante expediçam, pois o fogo dos entrincheiramentos parecia o Inferno vomitando chams, e morte; nunca se vio destruição semelhante áquella.*—N'uma palavra cada hum tem o seu milagre, e a sua bicha de sete Cabeças para fazer huma historia sem que justifique o seu regresso de *Cabisbaro*.

O Coronel *Lemos*, Commandante das tropas expedicionarias já tentou duas vezes, porem em vaõ, ver D. Miguel, e agora já as ordens estaõ passadas para elle ser julgado n'hum Conselho de Guerra, o qual se-diz elle mesmo ter taõbem requerido. Igualmente se falla em ordens expedidas para S. Miguel, para o Rosa ser preso, e remettido para Lisboa. He porem factõ que D. Miguel seguindo os Conselhos da sua querida *Mamma*, ordenou ao principio que se procedesse contra todos os indeviduos que se atrevessem a fallar na derrota da Terceira, em consequencia do que

huma das prisoens foi chea de mulheres, pela maior parte casadas ou parentes d'aquelles que pereceraõ no ataque; o Governo naõ ousa continuar este procedimento, e o Veiga Ministro das Justiças, determinou que os ajuntamentos do povo fossem dispersados pela Policia.

Finalmente todos fallaõ nisto, naõ se falla em outra cousa, e veio a ser hum motejo dizer-se a respeito de qualquer outro assumpto *Ah! naõ sabe como he? vá a Vila-Flór, vá que elle lhe dirá o que foi, e o que hade ser.*

O Golpe que soffeo D. Miguel foi temivel, porquanto os Soldados, Marinheiros, e Officiaes todos se uniraõ para se justificarem; e querendo impedir o tornarem a ser mandados a nova expediçam dizem muito mais do que o Intendente da Policia dezejara elles contássem; no entretanto estas noticias vaõ rapidamente circulando para todas as partes do Reino, e a revoluçaõ geral de sentimentos, e de converçaõ, geral de opinioens, nestes ultimos oito dias excede quanto a este respeito se pode imaginar. He certo que se o Conde, com alguns dos seus valentes Camaradas da Terceira, viesse agora desembarcar nestas Costas, o terror panico que isto causaria, bastaria para por termo ao reinado do usurpador.

No meio d'este Conflictõ de Opinioens sobre esta materia, he tam sublime como agradavel ou-

vir referir hum facto que he geralmente contado, e aprovado por todos os que restaõ da expedição, que os Voluntarios, e Soldados da Terceira fizeraõ tudo quanto estava ao seu alcance para nos valer: elles chamaram a muitos pelos seus nomes, e pretextando-nos soccorro, abrindo-nos os brassos, e dando-nos as maõs para nos ajudar a subir os rochedos, e saltar as trincheiras, assim como que se nam meteram a pique todos os Navios, e mesmo a Nau foi porque nós eramos Portuguezes, e elles naõ quizeraõ a nossa perda.

O primeiro que dice isto logo que chegou foi, e o caso he que em lugar de raiva, e vingança, elles estaõ cheios de gratidão, e todos a huma voz affirmãõ que a Tesceira nem com 30.000 homens se toma.

Falla-se com muito desprezo e descredito de alguns Officiaes Miguelistas, em razam da cobardia com que se portaram; no entanto a maior parte d'estes fracalhoens levaram na sua bagagem grandes arcas vazias para encherem com o projectado *Saque*.

Impressão do Governo em Angra, Anno de 1829.

Lisboa 26 de Setembro. ()*

A gloriosa defeza da Terceira, produzio aqui optimo effeito, com tudo o Governo tem guardado o maior silencio a este respeito, até mesmo cortando toda a communicação com as embarcaçoens, que tem chegado dos Açores, para que não respire nada; porem agora que chegaraõ os Jornaes Ingleses com os despachos do Conde de Villa Flór, não existe já esse segredo. Os Miguelistas não podem occultar a sua tristeza, depois da derrota da sua famosa expedição. O Governo occupa-se neste momento, em organisar tropas em força de 1.000 homens d'Infanteria, com o fim de substituir a guarnição da Madeira, em consequencia do descontentamento, que tem mostrado os Corpos que ali se achavaõ. As barbaridades praticadas pelo Go-

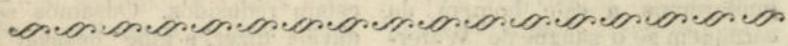
verno de D. Miguel n'aquella Ilha fizeraõ com que a tropa: chegasse mesmo a ponto de se indignar, rompendo em excéssos contra elle. Porem existem grandes obstaculos para que este mesmo numero de Soldados se ponha em marcha, pela falta de dinheiro no Governo, e pela pouca vontade que elles tem em irem. Deo-se ordem para que alguns Corpos, que estavaõ nas Provincias, viessem a marchas forçadas para Lisboa, porem estes logo que souberam, que o seu destino era embarcar, nam quizeram sahir dos seus quartéis. Tal he o estado em que se acha este miseravel Governo, que deve em poucos dias ser victima d'aquella mesma anarquia, que elle estabelecêo.

(*) Chegando esta Carta depois de já estar impresso o que se lê antes d'ella, julgou-se a proposito ajuntalla a esta mesma Folha.

EXTRACTO

DOS

PERIODICOS ESTRANGEIROS.



PROCESSO INTENTADO PELO DUQUE DE WELLINGTON CONTRA OS EDITORES DO MORNING JOURNAL.

Tendo recolhido com cuidado todas as passagens que tem motivado a accusação do jornal inglez, julgamos esta publicação tanto mais interessante quanto o permittirã as curiosas coincidencias entre os processos feitos á imprensa nestes dois reinos.

Eis aqui os artigos crimidados.

1. No jornal de 17 ultimo se lê: Deixámos aos nossos leitores o cuidado de resolverem a importante questã que expomos.

No caso em que hum primeiro ministro fosse hum soldado ambicioso, hum homem para toda a empresa, apaixonado pelo adiantamento dos seus, e votado ao despotismo; se elle fosse orgulhoso, despota, avido, infiel e sem principios; se este ministro tivesse a marinha debaixo das suas ordens, todos os empregos abaixo da coroa à sua disposiçam, todos os *sinecure*, todos os com-

missionados das taxas, todas as altas dignidades sujeitos á sua vontade; hum tal homem não poderia derrubar o mesmo tronço, e calcar aos pés as leis, e liberdades da Inglaterra?

2. Números 18, 22, e 24 de Julho.

Todas as declamações do mundo não nos convenceram que nós fazemos mal: e nem por isso deixaremos de continuar com a nossa vigilante opposiçam contra hum ambicioso e altivo ministro? Diremos ao duque de Cumberland *respice, aspice, prospice*. Disêmos isto com plena e inteira confiança poisque todos os amigos do paiz estam do seu lado; certamente não pensamos que Cromwel, no exacravel periodo da sua carreira abominavel, fosse nunca olhado com mais odio que o duque de Wellington. Teme-se mas não se ama; na sua vida privada ou militar jámais pôde adquirir hum amigo... O seu reinado tem sido hum reinado só de terror. A corda da força era o laço que unia na Espanha o exercito ao general.

3. Esperamos huma resposta.

do duque de Wellington. Temos o direito de perguntar ao homem cuja ambição insaciável, e indiferença obstinada á opinião publica nos tem lançado na deplorável situação em que jazemos, o que pretende fazer. Nós perguntaremos a este homem de carnagem se o sangue de Waterloo lhe não tem fartado a sede, e diremos além d'isto que a sua baixa, vil, e desonrosa resposta dada aos fabricantes não satisfaz nem a nós nem ao seu paiz. He péssima zombaria dizer que os ministros não tem o poder de adoptarem as medidas para allivio da nação desgraçada, e afflicta; pergunto qual será a razão porque o duque de Wellington, e seus satellites recebem milhoens se isto não he para nos governar, para nos dar leis justas, e salutaes que tornem florescente, e feliz a nossa nação?

Dir-se-ha que o governo nam tem poder de adoptar medidas para soccorrer hum milham de cidadãos agonisantes? Diremos então tenhamos novo governo, novo ministerio, e hum novo systema.

Muito bem conhecemos o caracter do primeiro ministro para estarmos certos que athe as circumstancias mais funestas para o paiz lhe não faram mudar coisa alguma no seu plano de conducta.

Sabemos, e publicamos com certeza qua o duque, achando-se embarrasado e vencido, tem rerol-

vido fechar os ouvidos aos brádos da nação, e continuar tanto quanto lhe seja possivel a sua ignobil carreira.

4. Cada hum pode ver o aviltado estado a que o duque de Wellington, e os seus consocios estão redusidos. Ousamos sem duvida dizer, e athe desafiar os mais infames apostatas para negar a nossa asserção, que em nenhuma epoca, desde a reforma, a Inglaterra jamais foi tam aviltada, nam aos olhos dos estrangeiros, mas na opinião dos seus proprios nacionaes. Nunca houve odio tão intranhavel, e tão universal contra hum ministerio.

Acreditamos, e muito estimamos acreditar que nam pôde estar longe o momento em que o homem de ferro será nam só impotente, mas athe desprezado como Bajazet na sua gaiola, ou cahirá em ruinas sem mais esperanza alguma como Napoleão em Santa Helena, esta illustre victima da baixesa, e perfidia do seu pretendido vencedor, e do seu parodista Wellington.

Jamais nos cegamos com o estrondo da campanha da Peninsula, ou da batalha de Waterloo. Jamais nos dispusemos a attribuir a hum só homem as proesas de hum exercito inteiro, nem jamais descobrimos no nosso primeiro ministro aquella altivez de genio que o authorisaria a reclamar como sua recompensa pessoal a gloria dos Ingleses e seus alliados.

Sabemos que, enquanto os parques e os jardins d'este novo *Marius* em Strathfield, enquanto a sua casa d'Aspley se levanta com magnificencia á custa do publico, nenhum sentimento de piedade lhe aconselhou alliviar a dor e o soffrimento d'estes cidadãos proximos a expirar. Porquanto tempo a Inglaterra a velha Inglaterra dobra á ainda os joelhos diante d'esta dourada imagem que tem levantado á custa das lagrimas, e das privações de todas as classes dos subditos do seu rei. Repetimos que se nam devem aguardar esperanças, nem a'lvio, nem felicidade, nem commiseracão do presente ministério; toda a petição geral será hum objecto de recio para os papistas que se glorificam nos seus gabinetes.

Os mesmos editores sam ainda accusados de ter publicado no mesmo jornal, de 30 de Julho ultimo, huma carta dirigida ao duque de Wellington, e assignada por John Litton Crosbie. Esta carta apresenta o primeiro ministro como projectando ligar-se á casa real d'Inglaterra. Ei-la aqui.

A sua alteza o duque de Wellington.

No deploravel estado em que a vossa ignorancia, a vossa vaidade, e a vossa ambição tem lançado huma nação grande e florescente, nam resta mais nada a vossa

alteza, e ao seu procurador geral que fazer callar a imprensa, impedir silencio á opiniam publica, e suffocar os chóros dos desgraçados.

Dicestes a verdade sobre os negocios da Irlanda, e pela vossa propria consciencia, quando, com huma hypocrisia, e concideracão affectada, fizestes hum quadro seductor dos horrores da guerra civil, e quando em tom doloroso e lacrimoso, invcastes a lei e as buionetas. Onde adquirio vossa alteza tam bons sentimentos? Quem teria jamais supposto, ou mesmo pensado accusar vossa alteza de sensibilidade, ou moderacão, ou algumas d'estas doces e ternas sympathias sociaes que distinguem o coração do *hmedo dictador* orgulho e do *tirano*?

Dizeis que tendes pacificado a Irlanda! Sim crêde-me, duque orgulhoso, já vo-lo tenho dito, conheço os vossos designios, conheço-os ha muito tempo, e se nam sam conhecidos pelo imperio britanico nam he por culpa minha. Se agradar a Deos, porque muitas circumstancias pusessem mostrar o recentimento do Todo Poderoso contra o nosso paiz, deixar-vos ainda á testa do ministério do nosso monarca trahido, e engado, vós : chareis antes do fim da vossa tirania ser preciso reprimir pelas armas as insurreicções dos papistas irlandezes, e d'expor a huma ruptura pasmosa a uniam d'Inglaterra com a Irlanda; isto

he plano arranjado e meditado por vós, e constantemente seguido desde 1814. Vós nam sois mais que o instrumento voluntario, e o sustentaculo dos infames jesuitas.

Se sois susceptivel de alguns sentimentos de honra, de bravura, de lealdade, e de justiça; se vós nam sois arrastado por esse delirio que caracteriza vossos antigos projectos, e vossa culpavel ambigam, se vós quizerdes disfructar huma segura velhice reconcilliaivos com este povo affeigado, e credalo em demasia, que noutro tempo julgou que vós lhe ereis affecto; se vós vos persuadís que os vossos projectos sam conhecidos d'huma illustre personagem, que vós tendes deixado infamar, aviltar, desonrar e calumniar, sem nunca publicar os seus defamadores; se vós pensaes que o sangue d'estes fieis subditos tam cruelmente assassinados, grita por vingança; se vós sois christam, se estaes convencido da certeza da morte; se acreditaes que nam sois mais do que ham homem; que antes possais alcançar o sceptro de huma princeza menina, (a princeza Victoria hedeira do trono d'Inglaterra), vos tornareis n'hum montão de vermes, se sabeis que esta princeza achará hum defensor n'um illustre tronco do sangue real (o duque de Cumberland), e que o melhor sangue, e o mais nobre d'Inglaterra se derramará por este principe, e pela defeza da sua casa; se vossa alteza conhece tudo

isto em nome de Deos dai-nos a paz, se he que ainda está no vosso poder fazer isto; dai tranquillidade ao vosso paiz afflicto de quem certamente vós nam podeis confegar sem remorsos serdes seu filho.

Se descubro alguns dos vossos cobardes, e mercenarios fieis que ousam insultar, e calumniar o meu real amo, o Duque de Cumberland, se a multidão dos defamadores continuar a estar impune, entam, com a protecção de Deos, arrastarei vossa alteza em publico, e vos desmascararei mais abertamente, e de huma maneira tal como nunca em meu paiz fosteis ultrajado, e trahido; eu vos direi mais, que desafio a vossa alteza, o vosso procurador geral, e todo o vosso gabinete.

Com effeito estou determinado a fazer o sacrificio da minha cabeça, ou da vida de vossa alteza, tanto quanto estiver em meu poder livrar os meus concidadãos do aviltado, despresivel, e humilhante estado em que a vossa vaidade, vossa ignorância, vossa perfidia, vossa ambição e o vosso artificio os tem reduzido. N'huma palavra nam ha homem de senso em todo o reino que acredite o conto tam destramente espalhado, que o vosso filho mais velho está com tenção de casar com a filha do vosso médico. Conhecemos muito bem a vossa alteza, e isto basta para nam sermos enganados com semelhante fabula; vossa alteza aspira a mão

mais elevada (a princeza Victoria) para o herdeiro da casa d'Aspley. Comprehendeis-me, duque? senam fosse isto eu me exprimiria em termos mais claros. Eu vos espero: nam vos quero ainda desmascarar. Tenbo direito a dizello, e terei ainda melhor a coragem d'executallo.

Nam sou assaz hypocrita para vos dizer que sou vosso humillissimo criado—JOHN LITTON CROSBIE.

Capelaõ de S. A. R. o duque de Cumberland, diante do qual espero ver-vos tremer.

Damos ao publico o extracto de huma carta de Smyrna, por ser muito curioso o seu contheudo.

A confiança dos filhos de Israel naõ he em vaõ, segundo a phraze do Profeta. O Templo de Salomaõ vai ser restaurado com todo o seu esplendor.

O Baraõ de Rothschild, a quem accusáraõ ha pouco de ter hido a Roma com a intençãõ de abjurar a religiãõ de seus pais, passou meramente por aquella Cidade, seguindo viagem para Constantinopla, aonde se dirigia com o fim de tratar de hum emprestimo com a Porta. Cõ a de boa authority, que o Baraõ de Rothschild, se engajou com o Sultaõ, de lhe fornecer a grande somma de 350.000.000 de piastres, a trez prazos, sem interesse algum, com a condiçãõ porẽm

de que o Sultaõ lhe cederia, tanto a elle como seus successores para sempre, a Soberania de Jerusalem, assim como o antigo territorio da Palestina, que foi em outro tempo occupado pelas doze tribus. O Baraõ de Rothschild, propoem-se a dar aos Israelitas, mais ricos, que andaõ espalhados por differentes partes do Mundo, porçõens d'aquelle bello paiz, aonde elle conta estabelecer Senhorios dando-lhes quanto lhe fõr possivel, as suas antigas, e sagradas Leys.

Assim os descendentes dos Hebrẽos teraõ emfim huma Patria, e todos os amantes da humanidade, approveraõ este procedimento. D'este modo os pobres Judeos deixarãõ hum dia de serem vıctimas da oppressãõ, e injustiça. Gloria seja dada ao Baraõ de Rothschild, que faz taõ bom uzo da sua fortuna.

Tendo-se assentado que seria necessario crear hum pequeno exercito, tomãraõ se medidas para que este fosse recrutado da mesma fõrma que foi o Batalhaõ de Judeos organizado em Holanda por Luiz Bonaparte. Todos os Israelitas que foraõ empregados nos differentes ramos da Administraçãõ Holandezã, poderaõ obter postos superiores no Governo de Jerusalem, e as despezas de suas viagens lhes seraõ pagas adiantadas.

(Jornal da Corte.)

Illm. e Exm. Snr.

Os abaixo assignados impellidos por sentimentos de gratidaç, e bem merecida admiracão, pelos triunfos taõ distinctos que V. Exa. recentemente acaba de obter no Parlamento Britanico: segurando aos Irlandezes Catholicos a sua emancipacão, protegendo, e defendendo ao mesmo tempo o Altar, e Throno Portuguez, aproveitaõ esta occasiaõ, para cumprir com hum dever que lhes he imposto por tantos beneficios, fruto do zêlo, interesse, e heroicas virtudes de V. Exa.

V. Exa. qual outro Cyro re-estabellêcee no seu paiz a Religiaõ Catholica Apostolica Romana, perseguida, e desterrada d'ali nos trez ultimos séculos, e semilhante a hum Alexandre, cortou com o afiado gume da sua brilhante, e bem manejada eloquencia, hum grande número de intrincadas difficuldades, formadas pela sophistica, e intrigante subtiliza, de Makintosh, Brongham, Palmerston, Holland Gederich, e outros defensores do liberalismo; ou para melhoar dizer, da massonaria, irreligiaõ, e républicanismo: crimes que nos nossos tempos, tem descaradamente assaltado o Throno, e o Altar. Mas graças sejaõ dadas a V. Exa., a causa da legitimidade da Corõa Portugueza, perencendo ao nos-

so augusto muito amado, e benefico Rei S. M. o Senhor D. Miguel Primeiro, foi valorosa, e victoriosamente defendida por V. Exa., e continúa a ser pela inquestionavel linguagem de Peel, e Lord Aberdeen, encontrando ao mesmo tempo em V. Exa. Patrono o mais zeloso. Por taõ distinctos serviços nós os Ministros do Altar, cujo dever, he, de manter illeza a Fé Catholica Romana, assim como de conservar inviolavel a fidelidade do Throno, em unidade com os nossos irmãos Irlandezes, que em menos de dois mezes se virãõ re-entegrados nos seus direitos de subditos Britanicos, deveremos sempre levantar o illustre nome de V. Exa., como faraõ tambem depois de nós as geraçoes futuras; e imploramos ao Omnipotente, em cujo serviço V. Exa. se tem empregado com tanta actividade, de o favorecer benignamente, no meio da infinita prosperidade, com a maior energia, e poder, para que continuandõ V. Exa. na gloriosa carreira de accessor do Throno Britanico, possa completamente concluir a já começada obra, de derribar o fantastico colosso. das (assim chamadas) liberdades civis, nam só no nosso paiz, mas tambem no seu, e em todos os cantos do mundo, aonde ellas existirem. Offerecemos os nossos votos ao Ente Su-

premo, para que illustre a V. Exa. com a sua divina graça, para que depois de huma longa vida de felicidade n'este mundo, lhe possa succeder outra igual na eternidade.

Deos Guarde a V. Exa. Lisboa 24 de Julho de 1829.

Illm. e Exm. Sur. Duque de Wellington.

(Assignados)

Patricio, Cardial Patriarcha.
Francisco, Bispo de Vizeu, por si e os Bispos ausentes.

Joaquim, Bispo de Castello Branco.

Fr. Joaquim, Bispo de Coimbra Conde de Arganil.

Fr. Manoel, Bispo Décano.

Antonio, Arcebispo de Lacedemonia.

Antonio Arcebispo de Andrianopoli.

Luiz, Prior Mór de Christo.

José Telles, D. Prior de Guimaraens.

O D. Prior dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho.

O D. Prior dos Monges d'Alcobaca.

O Esmoler Mór.

O D. Prior dos Monges de S. Bento.

O D. Prior de S. Jeronymo.

Reitor Geral de S. Joã Evangelista.

Provincial de S. Domingos.

Provincial de Santo Agostinho Calçado.

Reitor Geral de S. Paulo Eremita.

O Provincial de N. S. do Carmo.

O Propozito da Congregaçãõ do Oratorio de S. Filipe Neri do Espirito Santo, por si e pelos Conventos do Reino.

O Provincial de Santo Antonio de Portugal.

O Guardiaõ dos Missionariqs Apostolicos de Brancanes.

(Star de 21 de Agosto.)

PORTUGAL.

Lisboa 26 de Setembro.

O estado do moribundo Portugal, descripto por quem nam esteja allistado debaixo das ensanguentadas bandeiras do tyranno poderá ser exaggerado; e o Embaixador *Asseca*, e sua despresivel ralé, nam deixaram de baptisar a descripçãõ com o nome de fabula republicana. Seja pois hum malvado escriptor de D. Mignel, um apostolo da usurpaçãõ o proprio que o refira: transcrevemos as suas palavras; e clamem embora os perversos que se vendaraõ, e se mancharam de eterno oprobrio, que o reinado do usurpador trou-

xe a Portugal a idade de ouro. Todo esse ouro tem sido só para os traidores e seus apologistas. Falle a besta N. 25.

“Como o Terreiro do Pogo nam está atrancado com caixas de assucar, nem entupido com rimas de coiros, lá vaõ ainda alguns pelo costume e pelo veso antigo athe á praça. As columnas já nam estaõ forradas de papeis, porque nam ha de que dar noticias nem de que fazer annuncios.

O Livro das entradas e das salidas dos navios está sempre aberto na mesma pagina. Por aquellas entradas nam ha ver hum galego vestido cora huma daquellas suas bécas, que quando a largação não se dobram conservaõ-se de pé, e assim ficaõ. Os agentes e empregados do consulado com os tinteiros seccos, e as pennas a trouxa-mouxe, para fugirem da ociosidade estam lendo a Besta esfolada. (Queira Deus que a intendam.) No Cães novo os rapazes estam brincando com os guindastes, ou pesando-se nas balanças. Os olheiros nam tem que pedir a Santa Luzia que lhes conserve a vista, porque nam tem que espreitar. Passeam pelos sallões, e pelos armazaens mais limpos e desempachados do que o campo de Ourique. Se dá meio dia, nam jantam; e se vem che-

gando o sol posto, nam tem que merendar.... Os corretores levam na mesma praça a sua vida sentados; pois se elles nam tem já que escorretear! Batem duas horas no relógio da parede; os que ainda os tem acertam o seu, e com frias e geladas despedidas vaõ mui devagar para casa na incertesa do jantar.”

Eis Portugal! Permite esse governo de preversos e ignorantes que o sycophanta *Macedo* escrevas as amargas verdades, que deixamos copiadas, porque o faz com modo faceto e zombeteiro; como quem diz: que importa que a Praça do Commercio esteja humermo; que importa qua tam grande população como a de Lisboa se ache perecendo de miséria, se nós temos *Miguel* o usurpador, que euforca a quem nós queremos, e nos deixa pastar sós o resto do que ainda ficou n'estes campos de desolaçam e de ruina.

Em verdade os Portuguez:s sam tratados pelo seu governo exactamente como os Bach's tercos tratavam ainda ha poucos annos as desgraçadas Provincias da Grecia. Para tornar o quadro similhante faltava o emprego de corpos de tropa nas caçadas dos constitucionaes; mas esse tempo chegon.

(*Paquete de Portugal N. IX.*)